

A VIDA DE JOANA D'ARC, UM MARTÍRIO AINDA SEM FIM

Patrícia Pitta

IMADIN

RESUMO: O ensaio apresenta a biografia ficcional produzida por Erico Verissimo nos anos 1930, sobre a mártir Joana d'Arc, incorporando a história da Guerra dos Cem Anos à trajetória fatal da jovem de Domrémy. Pensada originalmente como chamado ao humanismo para a juventude, num momento de ascensão de regimes totalitaristas na Europa, a narrativa é reinterpretada neste século XXI como modelo de fragmentação da identidade, antagonismo entre fé e religião, alienação social e o papel da mulher frente às estruturas vigentes de poder.

Palavras-chave: Joana d'Arc; história e ficção; feminismo; perspectivas de recepção.

ABSTRACT: This essay presents the fictional biography produced by Erico Verissimo in the 1930s about the martyr Joan of Arc, incorporating the history of the Hundred Years' War into the fatal trajectory of the young woman from Domrémy. Originally conceived as a call to humanism for youth, at a time of rising totalitarian regimes in Europe, the narrative is reinterpreted in this 21st century as a model of identity fragmentation, antagonism between faith and religion, social alienation, and the role of women in the face of prevailing power structures.

Keywords: Joan of Arc; history and fiction; feminism; reception perspectives.

Fascínio confesso de Erico Verissimo, a trajetória da menina simples, profundamente ligada à natureza, sonhadora e piedosa, de sua infância na aldeia de Domrémy, no interior da França, até o seu martírio, em Rouen, na Europa da Guerra

dos Cem Anos, se converte em matéria da primeira produção literária pensada especialmente para atender ao leitor infantil do renomado escritor gaúcho.¹

Em primeira edição pela Editora Globo no ano de 1935 e integrando a Série Paradidática Globo, coleção com fins educacionais dirigida ao público jovem, *A Vida de Joana D'Arc*, de Erico Verissimo teve mais de 10 edições ao longo dos anos. Embora importantes estudos sobre o conjunto de obras do escritor gaúcho não a incluam no rol dos textos endereçados ao público infanto-juvenil², a reelaboração da trajetória mítica da camponesa francesa em uma obra literária que combina elementos de biografia e narrativa histórica pode, sim, ser considerada um texto apropriado ao leitor infantojuvenil – ainda que o próprio autor no prefácio da obra levante dúvidas sobre a concretização dos intuítos iniciais do texto:

Mergulhei na leitura dos principais livros que existiam sobre o assunto ao mesmo tempo que começava minha narrativa num estilo simples e poético à altura da compreensão de meninos e meninas entre seis e treze anos. À medida, porém, que ia conhecendo melhor a história de Joana d'Arc, eu me convencia de que seria uma pena ter de reduzir a narrativa a menos duma centena de páginas – conforme ficara combinado com o editor – e a um limitado número de episódios, como convinha ao gosto da clientela a que o livro se destinava. Acabei mandando para o diabo todas as limitações e escrevi a história como achei que devia escrevê-la, sem pensar em conveniências tipográficas nem na idade de seus possíveis leitores. O resultado é este livro em que a vida da Donzela aparece romanceada até onde me foi possível fazer isso sem trair a verdade histórica. (Veríssimo, 1960.)

Com linguagem sensível e acessível, Verissimo produz um texto que não se limita à cronologia dos fatos e se concentra no drama existencial da jovem heroína, explorando sua figura como um arquétipo da coragem humana ao privilegiar o conflito interior da protagonista. Para além do relato biográfico, num estilo envolvente, a obra encerra uma reflexão humanista sobre a força moral alimentada pela fé em oposição à torpe sistemática das estruturas do poder.

Produzida num contexto sócio-histórico de grande instabilidade, com a ascensão dos regimes totalitários na Europa – que hoje sabemos se tratava da formação de um imenso barril de pólvora prestes a explodir sobre o mundo moderno – combinado a um panorama nacional de mudanças políticas e sociais com a transição do Estado Novo, *A*

¹ Para Diana Maria Marchi (2000), *A vida de Joana D'Arc* inaugurou o segundo período da literatura infantil gaúcha, que se caracteriza pela prevalência de narrativas didáticas com qualificação histórica.

² Filipouski; Zilberman (1983) optaram por excluir essa obra da análise que dedicaram à literatura de Erico Verissimo para crianças.

Vida de Joana D'Arc convoca o leitor para um exercício analítico sobre fé e poder, liberdade e identidade, masculino e feminino, que tinha espaço naquele cenário, mas que sobrevive pelo caráter atemporal do enfoque dado pelo autor.

A escolha linguística feita por Verissimo para narrar a história da donzela francesa revela o seu encanto pela menina que desde muito cedo ouve “Vozes” indicando-lhe que há uma missão divina a cumprir: libertar a França dos ingleses e conduzir o Delfim Carlos a seu trono legítimo.

Joana é diferente dos demais meninos e meninas de Domrémy. Quando está no meio deles, brincando, chama mais a atenção do que os outros. Não é bonita, mas tem qualquer coisa que atrai, que faz pensar. O seu ar tranquilo e ao mesmo tempo resoluto, impressiona. A coragem com que ela leva as ovelhas até a borda dos bosques das colinas, por onde às vezes correm lobos, deixa toda a gente pasmada.

Joana não sabe ler nem escrever. Mas percebe tudo, compreende tudo. Tem resposta para as mais complicadas perguntas. Acha solução para todos os problemas. (...) Em casa é muito hábil nos trabalhos de agulha. Ajuda a mãe no serviço doméstico. E nunca deixa de fazer o sinal-da-cruz quando o sino da capelinha toca o Ângelus. (Verissimo, 1960, p.21-22)

O estilo econômico e denso do autor, próprio das vanguardas modernistas que então o alimentavam, não impede que o leitor se sinta convidado a acompanhar a jovem de dezessete anos, antagonicamente forte e frágil, embora crédula e determinada em sua jornada divina até o Castelo de Chinon, onde ela convence o Príncipe Carlos de que é uma mensageira de Deus, conquistando tanto a confiança dos generais, quanto a admiração do povo por sua determinação e fé. No encontro da menina Joana com o comando da França sobressai o contraste entre a sua pureza espiritual e a descrença dos militares franceses.

Robert de Baudricourt cruza os grandes braços musculosos. Olha muito sério para Joana e depois desata a rir.

-- Mas que algaravia é essa, rapariga?

Joana repete as palavras que o Arcanjo lhe sussurrara ao ouvido. E é com calma que continua:

-- Antes da terceira quarta-feira da quaresma, Messire lhe mandará socorro. Porque o reino na verdade pertence ao Delfim. Mas Messire quer que ele seja feito rei. Apesar de seus inimigos, Carlos de Valois será coroado rei. E quem o vai levar à sagração sou eu.

A risada de Robert de Baudricourt ecoa no grande salão. Os outros homens, para lhe serem agradáveis, riem também. (Verissimo, 1960, p.83)

Tendo o ideal da bandeira branca com a flor-de-lis balizando seu espírito e a armadura protegendo seu corpo, Joana realiza o feito improvável de liderar um exército para defender seu rei, libertando a cidade de Orléans do jugo inglês. Resultado direto de sua campanha exitosa, a coroação de Carlos VII em Reims consiste no auge da

trajetória da heroína. O milagre que se transforma em realidade política simboliza a união da fé e da pátria.

Seu triunfo, no entanto, é efêmero. Após sucessivas derrotas militares, Joana é traída e capturada pelos borgonheses e entregue aos ingleses. A donzela é acusada de feitiçaria e heresia, e condenada em um julgamento que funde parâmetros religiosos e políticos. O Bispo Cauchon, inquisidor que personifica a hipocrisia religiosa e a manipulação política num teatro de injustiça em que a voz do poder silencia a voz da fé, conduz o pleito.

Tarde demais! As portas fechadas. A ponte erguida. Soldados picardos se aproximam de Joana.
-- Esses demônios – berra d’Aulon. E brande a espada com fúria.
Os inimigos avançam. Joana vê crescerem diante de seus olhos caras barbudas, sujas de poeira e de sangue, olhos congestionados, bocas retorcidas.
E espera, impávida.
-- Rendam-se! – grita um dos picardos.
Joana ergue a espada.
Mas uma mão forte lhe agarra a capa que cobre a armadura. Um puxão violento.
Joana tomba. (VERISSIMO, 1960, p.243)

Erico Verissimo dá ao episódio do julgamento de Joana as cores de um espetáculo de hipocrisia, no qual o poder masculino mostra sua imensa perversidade. Mesmo sendo humilhada e torturada, ela não renuncia à sua fé nem às suas “Vozes”. Sua coragem e lucidez contrastam com a sordidez das entranhas do poder. A escolha pela grafia do vocábulo “Vozes” em letra maiúscula, assumindo a posição de substantivo próprio, pode ser analisada como uma escolha do autor em considerar as vozes reais, e, como representantes do divino, superiores ao mundo dos homens.

Verissimo adota um estilo narrativo que prima pelo distanciamento do narrador, contribuindo para a percepção de uma tragédia eminente e inevitável. O cenário de absurdos é percebido sem que haja um juízo de valor claramente exposto.

Conselheiros, assessores, doutores, bacharéis em Teologia, bacharéis em Direito Canônico, licenciados em Direito Civil – todos se preparam para interrogar a camponesa da Lorena. Joana continua a esperar. Quis ouvir missa esta manhã. Não permitiram. Pediu que mandassem buscar um representante dos armanhaques para assistir ao interrogatório. Negaram. Pediu um advogado. Nova negativa.
(...)
O Bispo Pedro Cauchon se ergue. O tribunal todo fica de pé.
Joana agora está serena. Suas Vozes na véspera lhe disseram que não temesse nada, que Deus estaria com ela.
O bispo de Beauvais fala:

-- Joana d'Arc, juras com as mãos sobre os santos Evangelhos que responderás a verdade a tudo que te for perguntado?

Joana responde:

-- Não sei sobre que me querem interrogar. E podem me perguntar coisas que não devo dizer. Um zunzum enche a capela, como uma onda que se vai avolumando. Cauchon exige silêncio. E depois, voltando-se outra vez para a prisioneira:

-- Joana d'Arc, jurarás sobre os santos Evangelhos responder com verdade ao que te for perguntado?

Há uma ameaça escondida no tom de suas palavras. E a voz de Joana, suave e calma, se faz ouvir agora:

-- Se querem saber quem é meu pai e minha mãe, eu digo. Se me perguntarem que era que eu fazia lá na minha aldeia, eu respondo a verdade. Posso até jurar... – Pausa. Sua voz de repente endurece. – Mas não farei nenhuma revelação das coisas de Deus. Nunca fiz a nenhuma pessoa além do Rei Carlos... E nunca farei a mais ninguém, mesmo que me cortem a cabeça. (Verissimo, 1960, p.263)

Considerando que a literatura pensada para o leitor infantil se presta a assumir contornos didáticos, Verissimo tem, na narrativa da curta vida de Joana d'Arc, o ensejo para explicar aos leitores um período complexo da humanidade e da história da França. Ao contar a trajetória heroica de Joana, queimada na fogueira como feiticeira aos dezenove anos pelos ingleses, Verissimo apresenta ao leitor a Guerra dos Cem Anos, pintando um painel político e histórico capaz de fornecer a seus leitores uma noção bastante clara do período.

Inicialmente planejada como uma obra menos extensa, talvez até menos elaborada, *A Vida de Joana D'Arc* tornou-se um romance grandioso, cujo epílogo, em que o autor se dirige diretamente à heroína francesa, lembrando a “quebra da quarta parede” do teatro, é um texto cheio de admiração e encanto pela personagem, mas também pode ser tomado como sinalização da transcendência do texto. Verissimo desafia leitores futuros com a convicção de que sua obra permanecerá através dos tempos:

Joana, doce Joana, agora que saíste fora do tempo, fora do mundo, pertences a quem quer que tenha um pouco de fé ou imaginação para te invocar. Sinto neste momento a tua presença como tu sentiste durante os últimos anos de tua vida a presença de Santa Margarida e Santa Catarina. Que importa que os outros homens digam que sonho? Que importa que muitos afirmem que sonhavas? (Verissimo, 1960, p.303)

Uma ligação íntima com a heroína é elaborada pelo autor ao se permitir registrar sua leitura pessoal do contexto histórico ilustrado na obra e da trajetória da personagem, expondo sua perspectiva humanista sobre o desfecho dos acontecimentos narrados. Ao “realizar” historicamente os feitos descritos, conectando o tempo da narrativa (a vida de Joana D'Arc na França do século XV) e o tempo da narração (o exercício pessoal do

escritor no Brasil e no mundo do início do século XX), Verissimo se inscreve na narrativa:

E o tempo continuou a passar, menina Joana. E houve mais guerras, muitas guerras mais. E pestes. E reis débeis e reis fortes. E conselheiros bons e maus. Desapareceram pouco a pouco todas as criaturas do teu tempo; ficaram os descendentes, perpetuando a sua glória ou prolongando a sua miséria.

(...)

De repente me acho de novo dentro do meu século.

Que vejo? Rumores de guerra na Europa onde ainda há reis sem vontade, conselheiros astutos e homens solertes que tiram gordos proveitos das guerras. Existem ainda capitães bravos como d'Alençon e soldados ingênuos que, como os do teu tempo, iam à guerra sem saber para quê. (Verissimo, 1960, p.305 e 306)

Teorias sobre a recepção, como as postuladas de Robert Jauss e Wolfgang Iser³, que abarcam o horizonte de expectativa do leitor na concretização da obra de arte literária, deslocam o centro significativo do texto para além de sua produção, rompendo com a circunscrição do momento sócio-histórico da narrativa ou de sua elaboração. Isso possibilita o entendimento da obra literária não como portadora de um sentido específico, mas passível de ancorar outros sentidos oriundos de contextos de leitura e repertórios culturais e sociais diversos.

Embora seja possível considerar uma tensão entre a “intenção” do autor e as possibilidades de leitura do seu texto, para as teorias da recepção, a obra em si não tem apenas um significado, podendo acrescentar, perder ou alterar seu sentido, conforme a concretização da obra pelo leitor. A apropriação do texto realizada no momento da leitura pode ser pensada para além do campo desta tensão, constituindo um processo dialógico, intersubjetivo e social. Segundo tais postulados, considerar o texto literário portador de uma leitura única, pura e “verdadeira” seria negar a riqueza da dimensão ontológica da literatura.

Assim, receber a obra literária *A vida de Joana D’Arc*, de Erico Verissimo, no século XXI envolve pensar os novos cenários sócio-históricos e as novas configurações das relações humanas envolvendo tecnologia, saúde mental e questões de gênero. Escrito a quase um século, o texto de Verissimo traz uma ótica particular a temas que continuam sensíveis ao contemporâneo, como a fragmentação da identidade, fé e

³ Cf. LIMA, 1979. Nesta obra são propostas perspectivas de análise literária que rompem com o predomínio do exame do texto sob a ótica da produção, considerando a obra literária como resultante da interlocução entre produção, recepção e comunicação.

religião, a alienação social e o papel da mulher frente às estruturas de poder, cuja humanidade que encerra permite sua leitura.

A figura de Joana, ao mesmo tempo símbolo e vítima, encarna a força idealista, mas também a vulnerabilidade do indivíduo moderno diante da indiferença coletiva alimentada pela mediocridade.

Na prisão, Joana passa os dias orando e meditando.
Quando os guardas se aproximam dela com gestos e palavras horrendas, a donzela cerra os olhos e começa a rezar.
Conserva ainda o traje masculino. Dir-se-ia um pajem. um pobre pajem pálido de olhos tristes que vai murchando por falta de luz e ar puro.
(...)
Aimond de Macy olha para Joana e recorda... há alguns meses atrás conversou com ela no castelo de Beaurevoir. Achou-a tão bonita, tão estranha, que não resistiu. quis acariciá-la... No entanto agora o belo pajem está aqui, pálido, emagrecido, abandonado, feio... (Verissimo, 1960, p.257, 258 e 259)

Embora o texto não adote um discurso feminista explícito, algo raro na década de 1930, sua leitura contemporânea torna-se quase impossível sem remeter a um subtexto de resistência feminina. Joana é uma mulher que ousa acreditar, falar, agir em um mundo masculino e racionalista. Neste sentido, sua derrota não é apenas espiritual, mas social, pois ela foi punida essencialmente por desafiar as fronteiras do que se espera de uma mulher.

Considerando os debates atuais sobre gênero e poder, Joana se torna um espelho das figuras femininas que resistem às estruturas normativas. Ela não é apenas mártir, é subversiva, por insistir em afirmar uma verdade própria diante do descrédito geral. É possível sinalizar também que o texto de Verissimo inaugura a exposição da masculinidade frágil e o comportamento patético do homem quando se vê ameaçado pela potência do feminino:

O nome de sua Joaninha encheu toda a França. Dizem que ela ouve vozes do céu. Que obedece às ordens de Deus. Joana... a sua Joaninha com quem frequentemente ele ralhava. A Joaninha que muitas vezes foi castigada pelas suas mãos. Por estas mãos...
(...)
E no meio do seu grande embaraço, Jacques só encontra palavras para dizer:
-- Vim ver a sagração do nosso rei.
Joana sacode a cabeça mansamente. E como se sentisse humilde e insignificante demais diante da filha que fez tantas coisas grandes, Jacques acrescenta:
-- Sim, foi na qualidade de representante de Domrémy que eu vim. – sorri. Coça o queixo. – Estou encarregado de pedir ao rei que nos livre de impostos. (Verissimo, 1960, p.169)

Tal possibilidade interpretativa aproxima Verissimo das discussões contemporâneas sobre o silenciamento feminino, a patologização da emoção e a luta por reconhecimento simbólico. Inserida num contexto desumanizado, a crença de Joana numa missão divina pode ser reinterpretada como sintoma de um isolamento psicológico, não como santidade. Verissimo antecipa uma era que contrapõe fé e delírio num deslocamento do sagrado ao patológico, desacreditando na transcendência.

– Ouves repetidamente as tuas Vozes? – Indaga Beaupère de súbito.
– Não há dia em que eu não as ouça. E elas me fazem muita falta. São a minha única alegria, o meu único conforto. Preciso mais delas do que do pão e da água que os carcereiros do Conde de Warwick me levam todos os dias. (Verissimo, 1960, p.266)

Em tempos de hiperconectividade e desinformação, a leitura da trajetória da jovem que conduz um exército ressoa ainda mais fortemente, podendo ser relida como símbolo da subjetividade em colapso: um sujeito ávido de sentido em meio ao transbordamento das vozes sociais e midiáticas. Sua missão divina pode ser lida como o clamor por pertencimento que ecoa nas crises identitárias do contemporâneo.

Joana volta para a prisão. À noite vê de novo as suas santas e ouve as suas Vozes. Dorme tranquila e sonha que está em Domrémy ao pé do bosque de carvalhos, enquanto os porcos comem bolotas, fazendo, ao esmagá-las com os dentes, um ruído adormecedor. Gru-gru-gru-gru-gru... (...)

Na manhã seguinte a Donzela é levada novamente à capela do Castelo.

Os juízes. A atmosfera de ódio.

O interrogatório prossegue. (Verissimo, 1960, p.265)

O anonimato digital e o julgamento público instantâneo instaurados no século XXI, que aniquilam a possibilidade de uma narrativa real, se assemelham aos mesmos mecanismos de exclusão que ridicularizaram e silenciaram Joana, podendo ela ser vista como uma mulher cujo idealismo ou espiritualidade são tomados por desequilíbrio, convertendo-a numa voz marginalizada. Desta forma, pode-se antever na Joana D’Arc de Verissimo o modo como a coletividade fria e burocrática, oriunda de uma sociedade apática, banaliza a loucura e torna patológica a diferença. No contexto em que espiritualidade e idealismo podem ser vistos como desequilíbrio, o texto de Verissimo pode ser lido sob a perspectiva da desumanização contemporânea, cujos artifícios comunicacionais disponíveis impossibilitam a elaboração de uma narrativa esclarecedora. Pode-se, inclusive, ler a obra como uma provocação, quando possibilita

explorar o vazio moral de uma sociedade que transforma idealistas em caricaturas e santos em dementes, e no caso contemporâneo, vice-versa.

Pensando nos novos contornos interpretativos que a obra ganha ao ser lida considerando o horizonte de expectativa do leitor do século XXI (V. Jauss, in Lima), a compreensão literária desloca-se do autor e do texto para o leitor, entendendo-o como agente ativo da produção de sentido. Assim, o leitor contemporâneo, atravessado por debates feministas, pós-modernos e tecnológicos, reinterpreta a obra de Verissimo, produzindo um paralelo entre passado e presente. As lacunas do contexto sócio-histórico temporalmente distante apresentado no texto de Verissimo são preenchidas por incertezas e inseguranças típicas do contemporâneo.

Deste modo, ainda que a leitura de *A Vida de Joana d’Arc* hoje não possa ser similar à leitura realizada na década de 1930, o leitor do século XXI, inserido em uma sociedade plural e crítica, extrapola o projeto original de Verissimo construindo significados a partir de novas redes de sentido.

Se Verissimo apresenta Joana D’Arc como um modelo de pureza e fé, uma patriota despida de vaidades à serviço da coletividade, ilustrando o mito da santa francesa como símbolo de inabalável virtude moral, na perspectiva do leitor contemporâneo o heroísmo da protagonista pode assumir outra conotação: Joana pode ser vista como uma figura representativa da luta feminina por emancipação ao romper com as normas de gênero e desafiar as estruturas de poder patriarcais e eclesiásticas. Neste sentido, o texto de Verissimo ganha atualidade quase um século depois de sua produção ao possibilitar ao leitor do século XXI o encontro com uma personagem que carrega a marca da autonomia e da insurgência.

O ideal humanista da modernidade fica evidente no texto claro e didático de Verissimo. Sua literatura se presta a propósitos educacionais e de elevação moral. Neste sentido, ao leitor contemporâneo, familiarizado com narrativas desconstruídas, ambíguas, com motivações difusas, a obra de Verissimo gera estranhamento. Contudo, isso não empobrece a experiência literária do contato com a trama, pois tal estranhamento é produtivo ao revelar o horizonte de expectativa do autor do século XX ao leitor do século XXI, contribuindo para a renovação do texto através de mais uma possibilidade interpretativa.

Em meio ao cenário de pulverização cultural e excesso informacional, *A Vida de Joana D’Arc* proporciona ao leitor do século XXI o exercício do silêncio que favorece a recuperação da dimensão ética e espiritual da literatura clássica através de uma leitura marcadamente lenta e reflexiva que se contrapõe ao ritmo fragmentado e frenético característico da contemporaneidade digital.

Enfim, a elaboração das questões de gênero, as observações sobre as esferas de poder, os debates sobre o papel da fé na obra de Verissimo possibilitam novas camadas interpretativas. Se a devoção de Joana e sua retidão moral podiam ser interpretadas como obediência, contemporaneamente podem ser lidas como um ato de afirmação do íntimo do indivíduo, uma postura de crença que não se submete à imposição, expressando coragem existencial e autenticidade. À luz das teorias da recepção, *A Vida de Joana d’Arc* se revela como obra aberta, capaz de dialogar com diferentes épocas e públicos. O leitor do século XXI, ao interpretar o texto de Veríssimo, não apenas resgata o ideal humanista cultivado pelo autor, mas também o atualiza à luz de novas sensibilidades sociais. A narrativa de Verissimo, por sua habilidade criativa, tem potencial para deixar de ser apenas mais uma biografia edificante e se transformar em metáfora de resistência e de desejo de autonomia humana. A permanência d’ *A Vida de Joana D’Arc*, de Erico Verissimo, portanto, se concretiza em sua capacidade de ser continuamente recriada pela leitura, num processo em que o passado – duplamente deslocado no texto literário, uma vez que conta uma história que se passa no século XV e é escrita no século XX – se renova à medida que o leitor o interroga à luz do século XXI.

REFERÊNCIAS

FILIPOUSKI, Ana Mariza R.; ZILBERMAN, Regina. *Érico Veríssimo e a literatura infantil*. 2. ed. Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 1982.

LIMA, Luiz Costa (Org.) *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Tradução do Organizador. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARCHI, Diana Maria. *A literatura infantil gaúcha: uma história possível*. Porto Alegre. Ed. Universidade, UFRGS, 2000.

VERISSIMO, Erico. *A vida de Joana D’Arc*. Prefácio do Autor. 13. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981

Patrícia Pitta é Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É diretora executiva do Instituto Maria Dinorah – IMADIN, dedicado à preservação da memória dessa autora rio-grandense de literatura infantil. Suas especialidades são Teoria da Literatura, Narratologia, José Saramago e Eça de Queirós.

Artigo recebido 09/12/2025.
15/12/2025.

Aprovado